

VALMIR

Fotos: Tina Coelho



João Júnior

De agora em diante, um a zero já é goleada. Esse é o lema do candidato da Frente Progressista (PP-PTB-PFL-PMD) ao Buriti, Valmir Campelo, que disputará o segundo turno com Cristovam Buarque (PT).

Em entrevista exclusiva ao *Correio Braziliense*, Valmir promete lutar para conseguir o apoio de Maria de Lourdes Abadia (PSDB), sua rival até a segunda-feira. Agora, ele a chama de

Lourdinha.

“É muito mais natural que ela fique comigo. Somos amigos há 20 anos e aliados de Fernando Henrique Cardoso”, explica.

Confianto na vitória, Valmir considera que Brasília ficaria “inviabilizada” com Cristovam no governo, mas garante que não vai mudar o tom da campanha. “Quem bate é porque não tem passado e propostas para o futuro. A população não quer assistir a luta de boxe”.

“É muito natural que Abadia fique comigo. Somos amigos há 20 anos”

Correio Braziliense - O segundo turno foi uma surpresa?

Valmir Campelo — A eleição é como um jogo de futebol: ou se ganha no primeiro ou no segundo tempo. No primeiro turno, é preciso ganhar de goleada, ou seja, ter a maioria absoluta. Eu ganhei de um a zero. Agora, está zero a zero, mas com um a zero - ou seja, com maioria simples - já dá para ganhar.

Correio - Roriz e Valmir esperavam ganhar no primeiro turno. O que deu errado?

Valmir — É difícil responder sem ter todos os números. Provavelmente, parte dos eleitores de Abadia optou pelo voto útil, passando para Cristovam. Mas os que ficaram com ela até o final estão muito mais alinhados com o meu perfil, com a minha ideologia, do que com o PT.

Correio - O senhor vai buscar o apoio de Abadia para o segundo turno?

Valmir — Claro. E de todos os outros derrotados. Não há nada que possa inviabilizar uma aproximação com a Lourdinha. Os nossos partidos estão coligados em nível nacio-

nal. Somos amigos há 20 anos e ela só conhece o Cristovam há 10 anos. É muito mais natural que fique comigo.

Correio - Já houve algum contato?

Valmir — Ainda não, mas vamos precisar em Brasília de alguém afiado com FHC. Fica difícil o DF, que depende da União, ser governado por alguém que sempre criticou o Real, que não acredita no plano. Se o PT chegar ao governo, Brasília pode ser inviabilizada.

Correio - Então o senhor acha que Cristovam prejudicaria Brasília?

Valmir — Sim, pois como ele vai pedir os recursos para a cidade se está sempre criticando o presidente e seu plano? Esse relacionamento fica esquisito.

Como sou amigo de FHC, posso conseguir até mais recursos orçamentários do que Brasília teria normalmen-

te. Com um governador da mesma política de FHC, a conversa é em português. Com Cristovam, seria um falando em português e o outro em alemão.

Correio - Como vai ser a participação de FHC na sua campanha? Ele vai aos comícios?

Valmir — Ainda não conversamos sobre isso.

Agora, estamos preocupados com a apuração.

Correio - Lula vem a Brasília ajudar Cristovam. Isso o assusta?

Valmir — De maneira alguma. Se o Lula vem, o FHC também vem, e ele é o presidente da República. Brasília é muito importante para que ele possa governar com tranquilidade. Um presidente da República tem

muito mais peso do que o Lula.

Correio - Cristovam disse que pretende intensificar a campanha nos assentamentos, que são o reduto de Valmir e Roriz. Como o senhor vai reagir a essa investida?

Valmir — Se ele não foi na primeira vez é porque não tinha mensagem. Agora quer ir, mas o povo conhece quem sempre lutou pelos seus direitos e não vai se deixar iludir.

Correio - E a militância do PT, como vai ser enfrentada?

Valmir — A nossa também é aguerrida. Inclusive, colocamos mais gente do que eles nas ruas, fizemos a maior carreata da campanha, com quatro mil e 500 veículos.

Correio - O senhor não se arrepende de não ter batido mais nos adversários?

Valmir — Não há necessidade de bater quando se tem propostas, quando se tem passado e projetos para o futuro. Quem bate é porque não tem nada. Eu tenho 32 anos de Brasília e Cristovam doze. Eles querem confundir, querem tumultuar, para me envolver num clima desfavorável. Não entro nessa tática. Vou

mostrar o meu trabalho sem demagogia.

Correio - A oposição criticava Roriz por usar a máquina, mas os seus aliados reclamavam que ele não esteve tão presente na campanha. Faltou empenho do governador para ajudá-lo?

Valmir — Se não participou mais da campanha é porque estava preocupado em não me prejudicar. Ele se afastou para que não o acusassem de usar a máquina administrativa.

Mas o PT usou a máquina sindical, o que é muito pior. Usou carros de som dos sindicatos,

que são mantidos pelo povo, nos comícios e carreatas.

Correio - Na sua coligação, houve brigas declaradas, como as de Luiz Estêvão e Paulo Octávio, Osório Adriano e Benedito Domingos. Isso o pre-

judicou?

Valmir — É normal numa coligação com mais de 100 candidatos. É o calor da campanha, a vontade de ganhar. Acontece até em coligações menores. As divergências internas nunca afetaram a nossa campanha.

Correio - O PT está anunciando “denúncias pesadas” contra o senhor no segundo turno. Qual vai ser a sua reação?

Valmir — E eu tenho coisas boas para apresentar à população. É isso o que o povo quer e não uma luta de boxe.

Correio - O senhor acredita na vitória?

Valmir — Estou absolutamente tranquilo e confiante. Agora, qualquer resultado vale. Vou fazer um a zero, se Deus quiser.



“Fica difícil o DF ser governado por quem sempre criticou o Real”

judicou?

Valmir — É normal numa coligação com mais de 100 candidatos. É o calor da campanha, a vontade de ganhar. Acontece até em coligações menores. As divergências internas nunca afetaram a nossa campanha.

Correio - O PT está anunciando “denúncias pesadas” contra o senhor no segundo turno. Qual vai ser a sua reação?

Valmir — E eu tenho coisas boas para apresentar à população. É isso o que o povo quer e não uma luta de boxe.

Correio - O senhor acredita na vitória?

Valmir — Estou absolutamente tranquilo e confiante. Agora, qualquer resultado vale. Vou fazer um a zero, se Deus quiser.